

Relação autógrafa do falecimento da sua irmã

Quando o Fundador morreu, havia entre os papéis um envelope fechado, no qual estava escrito pelo seu punho e letra: "não abrir senão depois da minha morte. Mariano. 2-VII-1957". Continha seis folhas manuscritas.

20/06/2018

Eis o texto do relato:

"Quando Álvaro me disse que o médico não dava mais do que dois meses de vida a minha irmã Cármén, custou-me muito. Cármén resumia, para os primeiros e para mim, vinte e cinco longos anos de sofrimentos e de alegrias no Opus Dei.

Depois de aceitar com lágrimas a vontade de Deus, decidi empreender com o Senhor uma luta de orações: rezei e pedi a todos que rezassem. E continuei a chorar amargamente, embora às vezes pensasse que – se percebessem isso – pudesse ser ocasião de mau exemplo: pensamento que afastava imediatamente, porque somos criaturas de Deus, e Ele fez-nos com coração.

Passaram uns dias e, depois de ver a maravilhosa disposição de Cármén para ir gozar do céu, e a admirável serenidade que revelava, compreendi – e disse-o – que a lógica

de Deus Nosso Senhor não tem de se acomodar à pobre lógica humana.

Chegou o momento de administrar os últimos sacramentos a minha irmã, a que se seguiu uma prolongada agonia – de quase dois dias -, à força de oxigênio e de injeções. Mesmo então, continuei a pedir por intermédio de Isidoro a saúde de Cármem, até que finalmente rezei devagar, aceitando plenamente a Vontade Santíssima de Deus, essa oração que dá paz: Fiat, adimpleatur...

Fiquei exausto, com um cansaço que me fazia recordar a luta de Jacó com o anjo. Mal morreu a minha irmã – “já”, disse José Luís Pastor, que estava à cabeceira, na qualidade de médico -, rezei um responso. E, quando chegou o momento oportuno, deixei o oratório, para celebrar a Santa Missa.

Quando comecei, durante segundos, ocorreu-me pedir ao Senhor que me desse um sinal claro para saber se a alma de minha irmã – por quem ia aplicar a Missa, com a faculdade de altar privilegiado – estava no céu. Percebendo essa petição, que nasceu sem a minha vontade, recusei-a e parece-me que pedi perdão ao Senhor por aquilo que me tinha vindo à mente, porque era como tentar a Deus.

Prossegui com a Santa Missa, subi ao altar e tudo sucedeu normalmente até ao primeiro *Memento*: fiquei surpreendido ao ver que estava a aplicar a Missa, não pela minha irmã, morta minutos antes, mas por outra intenção. Retifiquei, para oferecer o Santo Sacrifício pela alma de Cármén. Continuei, de novo com normalidade, até chegar ao *memento* de defuntos: tinha oferecido a Missa por outra intenção de novo, sem perceber isso. Mas imediatamente

voltei a ratificar: pela alma de
Cármén. E senti uma grande clareza
e uma alegria enorme, e um
agradecimento sem limites à
bondade de Deus, ao compreender
com uma segurança que não é
humana que o Senhor, na sua
bondade, tinha querido dar-me um
“sinal claro” de que Cármén já tinha
entrado *in gaudium Domini sui*.

Desde aquele momento, senti-me
mudado: nem uma lágrima e, pelo
contrário, uma alegria que se refletiu
no corpo e que não hesito em
escrever que é, por bondade divina
para com este pecador miserável,
fruto do Espírito Santo.

Depois disto, custa-me fazer
sufrágios, mas faço-os e peço que os
façam, porque essa é a prática da
Igreja.

Em Roma, 25 de Junho de 1957"

Quando o fundador visitava o túmulo de Cármén na companhia dos seus filhos, rezavam todos juntos um responso pelos defuntos da Obra e pelos pais e irmãos dos membros da Obra já falecidos. Sobre o dintel da entrada na cripta onde repousam os restos mortais de Cármén, há uma lápide em cuja primeira linha se lê: «*Ad perpetuam omnium Operis Dei defunctorum memoriam*»: em memória perpétua de todos os defuntos do Opus Dei.

Andrés Vázquez de Prada,
“Josemaria Escrivá. III. Os caminhos divinos da terra”.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/relacao-
autografa-do-falecimento-da-sua-irma/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/relacao-autografa-do-falecimento-da-sua-irma/)
(07/08/2025)